

O Mito de Er em Platão e a Doutrina da Escolha das Provas em Kardec

Miriam Zillo¹

¹ NEF - Núcleo Espírita de Filosofia, São Paulo, SP

e-mail: ¹ zilremi@gmail.com

Recebido em 23 de Outubro de 2023 e publicado em 06 de Janeiro de 2024.

RESUMO

Kardec recomendou o estudo contínuo e aprofundado da Doutrina Espírita já que, na sua visão, bem compreendido e sentido, o Espiritismo ajudaria a desenvolver as qualidades do homem de bem. Em particular, o aspecto filosófico desse estudo é de grande importância, a ponto mesmo de Kardec considerar o Espiritismo uma Filosofia. Existe uma grande proximidade entre os conceitos da Filosofia Clássica e os da Doutrina Espírita. Em particular, neste artigo, investigarei como a doutrina da “Escolha das Provas” em Platão tem pontos tangenciais com algumas questões presentes no item 5 do capítulo VI da segunda parte de *O Livro dos Espíritos*. Análise, também, como a Filosofia Tradicional está presente na Doutrina Espírita, fornecendo-nos uma razão séria para entendermos porque Sócrates e Platão são considerados os precursores do Cristianismo e, por consequência, do Espiritismo. Um ponto importante que será mostrado no artigo, é a ideia embrionária da primeira edição de *O Livro dos Espíritos* sobre a Escolha das Provas e desenvolvida posteriormente na edição definitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Mito de Er; escolha das provas; prudência; filosofia; Platão.



COMO CITAR: M. Zillo, *JEE* 12, 010201 (2024). DOI: [10.22568/jee.v12.artn.010201](https://doi.org/10.22568/jee.v12.artn.010201).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <https://doi.org/10.22568/jee.v12.artn.010201>.

I INTRODUÇÃO

A *Revista Espírita* de setembro de 1858 apresenta um texto filosófico platônico que chama a atenção por se tratar de um assunto que mereceu um item especial em *O Livro dos Espíritos*, intitulado *Escolha das Provas* (Kardec, 1857, segundo livro, cap. VI, Vida Espírita, item 5, Escolha das Provas). Para quem não conhece, na verdade, a *escolha das provas* é um tema que já era mencionado por Platão no século VI antes de Cristo, muito antes da Doutrina Espírita aparecer no cenário europeu.

A relevância do tema, que foi tratado em duas significantes filosofias, separadas por mais de 20 séculos, mostra o quão importante é o ponto de vista filosófico da Doutrina. Muitos se fixam somente no lado religioso (e aqui não nos referimos às instituições), esquecendo que foi afirmado na Conclusão de *O Livro dos Espíritos* que a força do Espiritismo está “na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom-senso.” Poucos sabem que um conhecimento, mesmo pequeno sobre Filosofia Tradicional, pode fornecer uma base muito forte para compreender os conceitos e o alcance filosófico do Espiritismo.

A Doutrina Espírita é extremamente dialógica e este aspecto é uma das características mais importantes da Filosofia juntamente com a pesquisa acadêmica. O termo “fé raciocinada” indica-nos a necessidade do uso da razão, da reflexão filosófica e do bom senso a fim de selecionarmos, para uma reflexão mais acurada, tudo aquilo que

recebemos, mensagens, palestras ou livros. Dessa forma, ressaltamos que toda informação espírita deve passar pelo crivo da razão, retendo o que é bom e desprezando o resto ou colocando em suspenso, para verificação da coerência doutrinária científica, filosófica e moral.

Partindo da leitura do Mito de Er, que está contido no texto “Platão: Doutrina da Escolhas das Provas”, na *Revista Espírita* de setembro de 1858 (Kardec, 1858), decidi analisá-lo sob o aspecto ao qual ele se refere, uma vez que o mesmo pode ser visto pela lente da reencarnação a qual, desde remotos tempos, foi reconhecida e professada pelos druidas antigos como, também, por outros povos. A pluralidade das existências está implicada, profundamente, no procedimento de escolha das provas, as quais o Espírito enfrenta enquanto encarnado, como oportunidades para o progresso intelectual e moral na sua jornada teleológica desde sua criação. Essa caminhada é sempre em sentido crescente, percorrendo os diferentes graus da escala espírita, como é colocado em *O Livro dos Espíritos*, pergunta 100, a fim de conseguir a libertação da matéria como, aliás, já pronunciava Platão na obra *Fédon*.

A escolha das provas se realiza antes de cada reencarnação. Pitágoras, filósofo pré-socrático, 570-495 a.C., foi quem trouxe o conceito de “transmigração” para o Ocidente, sendo este absorvido posteriormente por Sócrates e Platão, no século VI a.C. O Espiritismo não aceita o conceito de “transmigração da alma”, mas sim o de reencarnação, dando a ele a sua devida importância no que concerne à evolução do Espírito.

¹ Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo.



Em 2007 e 2009, esse mesmo mito foi analisado nos 7º e 9º ENLIHPEs¹ por Katia Penteado, mas sobre o ponto de vista da reencarnação². Há também, uma outra referência a esse mito no *site* TED – Temas Espíritas em Debate – 2 de setembro 2021, uma apresentação de Elias Marques³, relacionando-o com o capítulo VI, item 5 em *O Livros dos Espíritos*. No entanto, nenhuma dessas três análises foi feita sobre o escrutínio da filosofia tradicional e espírita. O alvo deste artigo é comentar e analisar esse tema nos aspectos filosófico espírita e pensamento acadêmico, como um elemento de compreensão da Doutrina a respeito da “Escolha das Provas”.

Qual a razão para a abordagem deste trabalho ser feita sob o ponto de vista filosófico, trazendo um paralelo entre a Doutrina Espírita e a Tradição Filosófica? A razão é simples nas palavras de J. H. Pires (2005, item 3, capítulo Filosofia e Espiritismo, p. 23), “na verdade, a *Filosofia Espírita se apresenta, para o investigador imparcial, como o delta natural em que desemboca no presente toda a tradição filosófica.*” Este pensamento “piresiano” sintetiza a importância, ao ler a Doutrina Espírita, que se deve dar aos pontos convergentes entre o Espiritismo e o pensamento filosófico acadêmico.

Está proposto em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que Sócrates e Platão são citados como os precursores do Cristianismo e do Espiritismo, e isso está comprovado pelas diversas citações que lá se encontram na Introdução, item IV:

As grandes ideias não aparecem de súbito. As que tem a verdade por base contam sempre com precursores, que lhes preparam parcialmente o caminho. Depois quando o tempo é chegado, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, com eles formando um corpo de doutrina. (Kardec, 2013, p. 27).

Os precursores são os inúmeros gênios que passaram pelo planeta Terra trazendo suas ideias e sistemas. Séculos mais tarde (XIX), eles retornaram e se encontraram em Espírito com Kardec para auxiliá-lo em sua pesquisa sobre a revelação espírita nos aspectos científico, filosófico e moral.

O presente artigo pretende responder a alguns questionamentos tais como:

1. A surpresa de Kardec ao encontrar na Filosofia Platônica referências sobre a escolha das provas para uma nova existência.
2. Alguns pontos de identificação entre a Doutrina Espírita e a teoria platônica.
3. O fato de Kardec colocar Sócrates e Platão como precursores do Cristianismo e do Espiritismo.

4. A importância da prudência como uma das virtudes capitais em Aristóteles na escolha das provas.
5. O uso da figura de linguagem – mito – como recurso para explicar o inexplicável.
6. Há interferência de Deus nas escolhas das provas? Até que ponto se estende o livre arbítrio?
7. Ao escolher as provas, pode-se optar para reencarnar em um corpo animal?
8. A escolha das provas é irrevogável ou não?
9. As penas e os gozos em Platão e na Doutrina, como são aplicadas?
10. O conselho de Sócrates aos homens.

II A SURPRESA OU DESCONHECIMENTO DE KARDEC

Kardec surpreendeu-se ao encontrar o Princípio da Doutrina da Escolha das Provas na obra platônica *A República*, século VI a.C., como ele mesmo cita na *Revista Espírita*,

... mas o que talvez seja ainda mais notável é encontrar, desde aquela época, o princípio da doutrina da escolha das provas, hoje ensinada pelos Espíritos, doutrina que pressupõe a reencarnação, sem a qual não haveria nenhuma razão de ser. (...) o que Platão escrevera sobre esse assunto especial nos era então completamente desconhecido, nova evidência, entre tantas outras, de que as comunicações que nos foram dadas não refletem absolutamente a nossa opinião pessoal. Quanto à de Platão, apenas constatamos a ideia principal, cabendo facilmente a cada um a forma sob a qual é apresentada e julgar os pontos de contato que, em certos detalhes, possa ter com a nossa teoria atual. (Kardec, 1858, p. 371).

A Doutrina da Escolha das Provas foi primeiramente colocada pelo filósofo Platão⁴ dentro do *Mito de Er* onde ele explica o processo de escolha das provas antes das almas reencarnarem, numa narrativa simples e elucidativa. Para facilitar ao leitor o conhecimento desse mito, recomenda-se a leitura da *Revista Espírita* de setembro de 1858, onde se localiza o texto sob o título “Platão: Doutrina da Escolha das Provas” o qual foi retirado da obra *A República*⁵ de Platão (2019, livro X de 614b a 621b). Por convenção internacional, textos platônicos são referidos dessa forma para facilitar as pesquisas sobre os estudos desse filósofo, facilitando a localização de trechos em diferentes traduções em português ou outras línguas.

² <https://www.youtube.com/watch?v=InO927kRpXo&t=1032s>, <https://www.youtube.com/watch?v=UkN0lmOYdrw&t=21s> - acessados em 23/09/2023.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=Wk8Vy60cA-4> - acessado em 08/10/2023.

⁴ Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental

⁵ *A República* (Platão, 2019) é o segundo diálogo mais extenso de Platão (428-347 a.C.), composto por dez partes (dez livros) e aborda diversos temas como: política, educação, imortalidade da alma etc. Entretanto, o tema principal e eixo condutor do diálogo é a justiça.



Kardec admirou-se ao encontrar uma referência sobre essa doutrina na obra platônica, assegurando e comprovando a evidência de que, as comunicações que ele e sua equipe recebiam do plano espiritual, não refletiam opiniões pessoais e sim revelações da equipe do Espírito de Verdade, resultando em uma parceria consistente e enriquecedora.

No entanto, pode-se argumentar com a hipótese de que Kardec somente tomou conhecimento da doutrina da Escolhas das Provas após ter lido a obra platônica, *A República*. Algum tempo após a leitura, questionou os Espíritos a respeito do problema e apresentou a teoria na primeira edição de *O Livro dos Espíritos* 1857, de forma embrionária, e que apresentamos aqui pela tradução de Canuto de Abreu.

Ao reescrever *O Livro dos Espíritos*, Kardec certificou-se que o mito platônico ratificava a revelação dos

Espíritos, o que permitiu ampliações do tema, conforme vemos na edição definitiva de 1860 quando, ao invés de somente uma pergunta ampliada, ele desdobra o mesmo tema em 15 questões que vão da 258 a 273. Portanto, Kardec tomou posse do pensamento platônico que, para muitos, está em concordância com a Filosofia Espírita, uma vez que têm pontos convergentes, indicando e conferindo no item 4 da Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, a importância precursora desses dois grandes filósofos gregos, Sócrates e Platão, das ideias cristãs e espíritas.

Em hipótese, podemos pensar que o organizador da doutrina, lendo sobre O Mito de Er, surpreende-se com o fato dessa ideia já ter sido mencionada muitos séculos antes e certificou-se da importância da escolha das provas e suas consequências para a evolução do Espírito e para o entendimento das causas de sofrimento ou bem-

Tabela 1: Reprodução do item sobre “Escolha da Provas, exercício do livre arbítrio e prudência”, contidos na 1ª edição de *O Livro dos Espíritos* original em francês e sua tradução.

LE LIVRE DES ESPRITS – 1ª edição	O LIVRO DOS ESPIRITOS – 1ª edição
<p>145 - L'esprit a-t-il le choix du corps dans lequel il doit entrer?</p> <p>«Non; il a le choix du genre d'épreuves qu'il veut subir, et c'est en cela que consiste son libre arbitre. »</p> <p>- Ainsi toutes les tribulations que nous éprouvons dans la vie auraient été vuprévues par nous, et c'est nous qui les aurions choisies? ' <1 Oui. n l ' ' ' <1</p> <p>- Qu'est-ce qui dirige l'esprit dans le choix des épreuves qu'il veut subir?</p> <p>a Il choisit celles qui peuvent être pour lui une expiation, par la nature de ses fautes. et le aide avancer plus vite.»</p> <p>- Pourrait-il faire son choix pendant l'état corporel? ' <1</p> <p>cr Son désir peut avoir de l'influence; cela dépend de l'intention; mais quand il est esprit il voit souvent les choses bien différemment que sous l'enveloppe corporelle. Ce n'est que l'esprit qui fait ce choix; mais encore une fois il peut le faire dans cette vie matérielle, car l'esprit a toujours de ces moments où il est indépendant de la matière qu'il habite.»</p>	<p>145- Cabe ao Espírito a escolha do corpo em que deve entrar?</p> <p>"Não; ele tem a escolha do gênero de provas que quer fazer, e é só em isso que consiste em seu livre arbítrio.</p> <p>- Assim todas as tribulações que experimentamos na vida teriam sido previstas por nós, e somos nós quem teríamos escolhido? ' <1</p> <p>"Sim."</p> <p>- O que orienta o Espírito na escolha das provas que quer fazer?</p> <p>"Ele escolhe aquelas que podem ser para ele uma expiação, pela natureza de suas faltas e fazê-lo subir depressa."</p> <p>- Ele poderia fazer sua escolha durante a estada corporal?</p> <p>"O desejo da alma tem influência; isso depende da intenção; mas no estado de Espírito, vê por vezes as coisas muito diferentemente do que sob a capa corporal. É só em Espírito que ela faz tal escolha; mas, ainda uma vez, o pode fazer na existência carnal, pois a alma tem sempre momentos em que fica independente da carne na qual mora."</p>



Tabela 1: Reprodução do item sobre “Escolha da Provas, exercício do livre arbítrio e prudência”, contidos na 1ª edição de *O Livro dos Espíritos* original em francês e sua tradução.

145 -- L'esprit n'a pas le choix du corps dans lequel il doit entrer, mais il a celui du genre d'épreuve qu'il veut subir, et c'est en cela que consiste son libre arbitre. Les uns peuvent donc s'imposer une vie de misère et de privations pour essayer de la supporter avec courage; d'autres vouloir s'éprouver par les tentations de la fortune et de la puissance, bien plus dangereuses par l'abus et le mauvais usage que l'on peut en faire, et par les mauvaises passions qu'elles développent.⁷

L'homme, sur la terre, et placé sous l'influence des idées charnelles, ne voit dans ces épreuves que le côté pénible; c'est pourquoi il lui semble naturel de choisir celles qui, à son point de vue, peuvent s'allier aux jouissances matérielles; mais dans la vie spirituelle il pense autrement; il compare ces jouissances fugitives et grossières avec la félicité-inaltérable qu'il entrevoit, et dès lors que lui font quelques souffrances passagères (note 5) 1

145 – Não cabe ao Espírito opção do corpo em que de entrar; entretanto tem a do gênero de provas que deseja fazer, e é nisto só que consiste seu livre arbítrio. Assim, uns podem impor-se uma vida de misérias e privações a fim de procurar suportá-la com coragem; outros querem experimentar-se com as tentações da fortuna e do poder, ambos muito mais perigosos pelo abuso e pelo uso maldoso que se podem fazer deles, afora as más paixões que eles desenvolvem.

O Homem, neste Mundo, e colocado sob a influência de ideias carnis, não vê nessas provações apenas o lado sofredor; é por isso que lhe parece natural escolher aquelas que no seu parecer, podem conciliar-se com os prazeres materiais; mas em plena Vida Espírita, ele pensa doutro modo; compara seus prazeres fugazes e grosseiros com a felicidade inalterável que entrevê, e nota então que a terá após algumas agruras passageiras. (nota 5 da primeira edição 1857, pg.162)

estar durante a existência terrena. Daí a necessidade de acrescentar uma explicação, em *O Livro dos Espíritos*, a respeito da *Escolha das Provas* capítulo VI, *Vida Espírita*, item 5:

LE 266. Não parece natural que os Espíritos escolham as provas menos penosas?

RESP – Para vós, sim; para o Espírito, não. Quando ele está liberto da matéria, cessa a ilusão, e a sua maneira de pensar é diferente.

LE 266 COMENTÁRIO. A doutrina da liberdade de escolha das nossas existências e das provas que devemos sofrer, deixa de parecer extraordinária, quando se considera que os Espíritos, libertos da matéria, apreciam as coisas de maneira diferente da nossa. Eles anteveem o fim, e esse fim lhes parece muito mais importante que os prazeres fugidios do mundo. Depois de cada existência veem o progresso que fizeram e compreendem quanto ainda lhes falta, em pureza, para o atingirem. (Kardec, 2007).

Essas afirmações em *O Livro dos Espíritos*, em conjunto com o pensamento platônico, mostram que os Espíritos fazem suas escolhas de acordo com o seu nível de evolução ou, melhor dizendo, conforme o grau em que se encontram mais ou menos desapegados da matéria.

III A CONVERGÊNCIA FILOSÓFICO ESPÍRITA E FILOSÓFICO TRADICIONAL

Como fundamentação, o uso do recurso do mito está profundamente enraizado na Filosofia Antiga Grega. Entretanto, é importante destacar que, O Mito de Er em particular, está ligado à Filosofia Espírita do século XIX. Ambas discutem (nas palavras de Kardec (1858, p. 372)), “a imortalidade da alma; a sucessão das existências; a escolha das existências por efeito do livre-arbítrio; enfim, as consequências felizes ou infelizes da escolha, por vezes imprudentes das provas”. Todas essas proposições se encontram em *O Livro dos Espíritos*. Kardec se utiliza de todos seus conhecimentos filosóficos acadêmicos, juntamente com as revelações que são trazidas pelos inúmeros gênios do passado, como, por exemplo, Galileu⁶, em *A Gênese*, no texto sobre Uranografia Geral, certificando-nos da aproximação entre filósofos da Revelação (pensadores que compõem a história da filosofia) e o Espiritismo.

Muitos tópicos discutidos nos 5 livros básicos da Doutrina Espírita, estão presentes no pensamento platônico e em muitos outros filósofos. Desse fato, podemos entender o pensamento piresiano sobre o Espiritismo ser o “delta”, ou seja, o desemboque da história do pensamento filosófico analisado, agora, em uma nova perspec-

⁶Galileo di Vincenzo Bonaulti de Galilei (1564-1642), mais conhecido como Galileu Galilei, foi um astrônomo, físico e engenheiro florentino, às vezes descrito como polímata. Frequentemente é referenciado como “pai da astronomia observacional”, “pai da física moderna”, “pai do método científico” e “pai da ciência moderna.” Fonte: Wikipédia



tiva científica, filosófica e moral. Kardec, utilizando-se de toda sua erudição e da revelação, abriria para a humanidade uma nova compreensão, uma nova visão a respeito do homem, do mundo, do universo, dando um roteiro para uma vida mais plena e feliz acessível a todos. Um estudo aprofundado dos 5 livros fundamentais da Doutrina, certamente, confirmará, não só a identidade, mas também a capacidade intelectual dos grandes gênios do passado que viveram neste planeta e que, pela orientação do Espírito de Verdade, passaram seus conhecimentos para Kardec que os organizou. Este é um importante assunto que será investigado e publicado no futuro.

IV O MITO NA FILOSOFIA PLATÔNICA

Antes de iniciar a análise mesma de O Mito de Er, seria interessante darmos um esclarecimento sobre o conceito de *mito*, uma vez que ele pode ser entendido com algo fantasioso ou até irreal por algumas pessoas.

Na cultura grega antiga é intensa a presença dos mitos (do grego *mythós*) e lendas. Eles foram criados para explicar fatos referentes à origem do universo, da vida, da vida após a morte e sobre a natureza. Sua finalidade principal seria preservar a história de um povo e ensinar os costumes e a moral. Nos mitos estão as presenças dos deuses, dos heróis, das ninfas, das sereias, dos sátiros e outros personagens fictícios que fazem parte das características desse tipo de narrativa.

No entanto e apesar de, Platão faz uso de mitos com frequência em suas obras. Segundo Patrick M. De Carvalho (2015), em seu artigo “O mito em Platão e a transformação do homem” esse instrumento de linguagem é “*uma estratégia dialética para transformação do homem. Para Platão, os mitos devem ser ensinados desde a juventude, pois com eles será impressa uma imagem em cada jovem, tornando-o apto para o conhecimento. Pois, o ato de ouvir mitos transforma, esculpe e molda a alma daqueles que tiveram contato com isso na infância.*”

O mito em Platão não é somente um recurso de retórica devido a limitações de linguagem, mas trata-se de um argumento hipotético plausível para a educação da alma. O seu conteúdo tem a finalidade de provocar uma mudança no íntimo do homem, levando-o a reflexões sobre si mesmo e suas atitudes. Para Platão, as histórias têm um poder muito forte sobre a alma, principalmente nas crianças que as assimilam com mais facilidade, guiando-as através da vida para as virtudes ou vícios. Sabendo da importância da educação, Platão utiliza-se desse recurso, mas não de maneira ingênua, e sim para transcender barreiras da linguagem, criando imagens em um campo inesgotável de imaginação que é o mito. Geralmente, o mito

está em forma narrativa dentro de um diálogo platônico com a finalidade de trazer um valor moral que acrescente uma transformação na vida de quem o lê. Citamos, como exemplo, as fábulas de cunho moral admitidas a Esopo⁷ e a literatura das tragédias gregas⁸.

Mas como entender o recurso do *mito* usado por Platão em suas obras? Uma característica filosófica de mito é ser um conjunto de crenças apresentadas, mas não fundamentadas por um processo argumentativo. No entanto, em Platão, isso não acontece, pois eles subentendem significados mais profundos, **que podem ou não serem verdadeiros**, mas que quase sempre contêm **algum valor moral**. Ao decidir pelo uso do mito, uma das razões de Platão poderia ser o fato de que ele oferece explicações do que é inexplicável.

Para Joseph Campbell (1990), um estudioso dos mitos,

“A mitologia era ‘a canção do universo’, ‘a música das esferas’ – música que nós dançamos mesmo quando não somos capazes de reconhecer a melodia. Ouvimos seus refrões, ‘quer quando escutamos, com alívio enfado, a ladainha ritual de algum curandeiro do Congo, quer quando lemos, com refinado enlevo, traduções de poemas de Lao Tsé, ou rompemos a casca de um argumento de S. Tomás de Aquino, ou apreendemos, num relance, o sentido radiante ou bizarro de uma lenda esquimó.” (Campbell, 1990).

Campbell leva o mito para todas as expressões do pensamento seja religioso, filosófico, metafísico, folclórico, pois para ele esta figura de linguagem se adapta muito bem para expressar sentimentos, ideias transcendentais etc., nos aproximando mais daquilo que não conseguimos traduzir em palavras, pois nos faltam recursos necessários como muitas vezes se referem os Espíritos durante a revelação – “*Se há circunstâncias em que se possa lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é quando se trata de exprimir certos sentimentos, ...*” (Kardec, 1861).

Mas estaria Platão utilizando-se de um mito como uma “alegoria útil” para educar os cidadãos da polis, uma vez que, tanto o personagem quanto a história⁹ que encerra o mito, são fictícios¹⁰? O fato é que, com a metáfora do Mito de Er, Platão consegue, muito bem, passar a ideia da escolha das provas e suas consequências, de uma maneira racional e lógica, tão pertinente ao caráter da Doutrina Espírita. Pode-se afirmar que, por este mito, entre tantos outros, consegue-se perceber claramente, a ligação entre o Espiritismo e Filosofia Clássica (perguntas 258/273) e o quanto esta última pode ser um recurso inestimável para entendermos melhor a Doutrina Espírita.

⁷ Esopo (+564 a.C.) foi um escritor da Grécia Antiga a quem são atribuídas várias fábulas populares. A ele se atribui a paternidade da fábula como gênero literário. Sua obra, que constitui as Fábulas de Esopo, serviu como inspiração para outros escritores ao longo dos séculos, como Fedro e La Fontaine.

⁸ Tragédia é uma forma de drama que se caracteriza pela sua seriedade e dignidade, pondo frequentemente em causa os deuses, o destino ou a sociedade.

⁹ Emprega-se a forma “estória” quando a intenção é se referir às narrativas populares ou tradicionais não verdadeiras, ou seja, ficcionais. Já a palavra “história” é utilizada em outro contexto, quando a intenção é se referir à História como ciência, ou seja, a “história” factual, baseada em acontecimentos reais.

¹⁰ Nos diálogos platônicos, os participantes do diálogo são reais, mas os personagens são fictícios.



Deve-se destacar que, para a filosofia tradicional, a metáfora tem um valor precioso e o mito, como metáfora, é um recurso riquíssimo que merece ser explorado porque, no seu conteúdo mais profundo, ele transcende a narrativa discursiva. O mito platônico tem um caráter intuitivo natural, que procura explicar a realidade que subjaz à ‘estorinha’ contada nele, passando pela razão, pelo entendimento e transcendendo. Quando se fala de coisas espirituais, o mito se torna importante e quase imprescindível, porque consegue-se explicar de uma maneira lúdica aquilo que está para além dos cinco sentidos.

Um importante paralelo a se fazer é com as parábolas de Jesus. Elas sempre trazem conteúdos mais profundos do que aparentam. Jesus, em seus ensinamentos, não trazia conceitos aprofundados porque, se assim o fizesse, não seria entendido. No entanto, as parábolas trazem ensinamentos éticos de uma tamanha riqueza que, em geral, não são compreendidos somente através de uma única leitura. As parábolas devem ser estudadas como procediam os pitagóricos, mais precisamente, os *matemáticos*, título que recebiam os discípulos de Pitágoras que eram escolhidos para serem iniciados na doutrina com mais profundidade por terem maior capacidade de compreensão (“*Pois a quem tem, mais será dado, ...*” – (Mt 25:29)). Em nível diferente procediam os chamados *acusmáticos*, título dado aos discípulos que eram apenas *ouvintes* de suas aulas ou das matérias administradas em Escola. Daí a analogia com as parábolas de Jesus. O público em geral era introduzido nas questões do Evangelho assim como os *acusmáticos*, mas a compreensão maior das parábolas exigiam mais leituras e maior preparo como acontecia aos *matemáticos* que tinham a necessidade de realizar inúmeras leituras da Doutrina.

A metáfora ou o mito são formas de expressar, de maneira poética, a realidade espiritual que transcende para além da matéria e que necessita ser entendida de forma “matemática”, racional. Mito e metáfora não são somente recursos de linguagem; em Platão, passam a ser ferramentas da filosofia.

Portanto, o mito platônico assume um papel educacional relevante e está de acordo com os temas éticos centrais da Doutrina Espírita. Esse recurso, como função pedagógica, foi colocado na *Revista Espírita* para cumprir o seu papel educativo e elucidativo de explicar quais seriam os quesitos que se deveria prestar atenção na hora da escolha das provas, levando-se em consideração a futura experiência na carne.

V INÍCIO DO RELATO DO MITO DE ER

O relato que vos quero trazer à memória – diz Sócrates a Glauco – é o de um homem de coração: Er, o armênio, originário da Panfilia. Ele tinha sido morto numa batalha. Dez dias mais tarde, como levassem os cadáveres já desfigurados dos que com ele haviam

tombado, o seu foi encontrado são e intacto. Transportaram-no para a sua casa a fim de fazer os funerais e, no segundo dia, quando foi posto sobre a fogueira, reviveu e contou o que tinha visto na outra vida. (Kardec, 1858, p. 372)(Platão, 2019, 614 b).

Trata-se de uma narrativa, transmitida oralmente, onde Er acompanha as almas para uma dada tarefa, que poderia associar com uma experiência de quase morte¹¹, na qual presencia fatos importantes que corroboram com os princípios do Espiritismo. Retornando do Hades (cidade dos mortos), Er traz o testemunho da existência da imortalidade da alma, da doutrina da escolha das provas e da reencarnação, bem como do livre arbítrio e todos os tópicos pertinentes à Doutrina Espírita e que se relacionam com o conceito cartesiano de ideias inatas já contidas no ser, na essência, desde sua criação.

Como parte do entendimento que se tem sobre a escolha das provas uma vez que as escolhas são feitas com experiências de vidas passadas, portanto ideias inatas, seguem questões a respeito contidas em *O Livro dos Espíritos*.

LE 218a. Não é, então, quimérica a teoria das ideias inatas?

RESP – Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Liberto da matéria, o Espírito sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente.

A experiência de quase morte para o Espiritismo seria como um afastamento do Espírito de seu corpo material¹², porém totalmente consciente e percebendo tudo o que ocorre ao seu redor. Esses momentos podem ocorrer quando há eminência de término da vida por doença, acidente ou um mal-estar súbito do organismo que constata que algo sério está ocorrendo. Ao voltar os sentidos, o Espírito consegue relatar em detalhes tudo o que viu para as pessoas que estavam presentes no momento do ocorrido. No mito, Er depois de ser considerado morto em batalha, volta para relatar uma experiência que teve fora do corpo, porém não no ambiente em que se encontrava, mas em outro lugar onde presenciou a escolha das provas pelas almas reencarnantes. Este relato platônico é uma prova de que o filósofo já tinha a crença de que somos imortais e que retornamos em várias experiências carnis com a finalidade de aperfeiçoamento axiológico e teleológico, ou seja, a felicidade almejada por todos. Além do mais, constata-se que existe algo mais do que somente a matéria, a Alma ou, para nós, o Espírito! Inicia-se aqui a discussão sobre corpo e alma, discutida ainda atualmente.

¹¹ Fenômeno que pode ser compreendido dentro do que é atualmente denominado de EQM.

¹² Emancipação da Alma, cap. VIII de *O Livro dos Espíritos*.



LE 407. É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?

RESP – Não; basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre quanto mais fraco for o corpo.

Continuando com a narrativa da *Revista Espírita* sobre o mito, deparamo-nos com ideias que também se encontram no corpo da doutrina.

VI JULGAMENTO DAS ALMAS EM PLATÃO E NA DOCTRINA

“**Tão logo sua alma saiu do corpo**, pôs-se a caminho com uma porção de outras almas, chegando a um lugar maravilhoso, onde se viam, na Terra, duas aberturas vizinhas uma da outra, e duas outras no Céu, correspondentes àquelas. Entre essas **duas regiões havia juízes assentados**. Assim que pronunciavam uma sentença, ordenavam que os justos tomassem o lugar à direita, por uma das aberturas do Céu, após haver lhes **posto no peito um letreiro com a sentença favorável**; e mandavam que os maus tomassem o caminho da esquerda, localizados nos abismos, **levando às costas um cartaz semelhante ao primeiro**, no qual se achavam escritas todas as suas ações. Quando chegou sua vez de apresentar-se, declararam os juízes que ele (Er) devia levar aos homens a notícia do que se passava nesse outro mundo e determinaram que escutasse e observasse tudo quanto se referisse.” (Kardec, 1858, p. 372)(Platão, 2019, Início do relato de Mito de Er contado por Sócrates num diálogo com Glauco, 614c).

Nesse recorte do texto, “*entre essas duas regiões havia juízes assentados*”, sabemos pela Doutrina Espírita que não há juízes que avaliam e julgam os atos de cada criatura. Deus não julga suas criaturas. Não há ninguém pronunciando sentenças finais a respeito do que cada alma fez ou deixou de fazer durante encarnações anteriores e muito menos decidindo o destino futuro de cada uma delas. Temos sim, o exame de consciência mais acurado sobre a encarnação que acabou de preceder, fazendo um balanço do certo e errado, do justo e injusto, do bem e do mal, para que o próprio Espírito possa tomar posse de seus erros e, assim, refletir sobre eles, durante um tempo mais ou menos longo, planejando uma próxima reencarnação com escolhas que lhe sejam úteis para sua evolução. Não entra em questão nesta análise, os Espíritos incapacitados de tais escolhas por falta de adiantamento moral. Platão não considera esse aspecto. Para esse exame de consciência, a caridade é o fator mais importante.

“*Naquele julgamento supremo, quais os considerados da sentença? Sobre que se baseia o libelo? Pergunta, porventura, o juiz se o inquirido preencheu tal*

ou qual formalidade, se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; inquire tão-somente de uma coisa: se a caridade foi praticada.” (Kardec, 2013, E.S.E., Capítulo XV, Fora da caridade não há salvação, O de que precisa o Espírito para se salvar).

O próprio Espírito faz a sua ‘*mea culpa*’ numa repassagem pela sua encarnação última, a fim de fazer uma reflexão dos pontos positivos e negativos e, a partir daí, construir um novo caminho para culminar novamente com a escolha das provas, porém agora mais esclarecido e com prudência.

Nota-se, portanto, no texto, um movimento migratório de Espíritos que passam de um lado para outro, de uma posição para outra de acordo com o merecimento e obras realizadas. Na *Revista Espírita* de outubro de 1866 (e também na obra *A Gênese*), temos uma referência dessa movimentação que acontece diariamente,

“... essa emigração de Espíritos não se deve entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Ao contrário, muitos aqui voltarão, porque muitos cedem ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; neles a casca era pior que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria deles verá as coisas de maneira completamente diferente do que quando vivos...” (Kardec, 1866, Instruções dos Espíritos sobre a regeneração da humanidade, p. 404).

VII ENCONTRO AFETIVO DAS ALMAS EM PLATÃO E NA DOCTRINA

Continuando o relato de Er, notamos a narração de que as almas se encontram após a morte,

A princípio ele viu que as almas julgadas desapareciam: umas iam para o Céu, outras desciam à Terra pelas duas aberturas correspondentes. Enquanto isso, pela segunda abertura da Terra viu saírem almas cobertas de poeira e de imundícies, enquanto pela outra porta do Céu desciam outras almas, puras e sem mácula. **Elas pareciam vir todas de uma longa viagem e paravam prazenteiras num prado, como se estivessem num local de reunião. As que se conheciam saudavam-se umas às outras e pediam informações do que se passara nos lugares de onde vinham: do Céu e da Terra. Aqui, entre gemidos e lágrimas, lembravam tudo quanto haviam sofrido ou visto sofrer quando estagiaram na Terra; ali, narravam as alegrias do Céu e a felicidade de contemplar as maravilhas divinas.** (Kardec, 1858, p. 373, grifos nossos)(Platão, 2019, 614 e, 615a).

Considerando o parágrafo relatado, pode-se constatar que os Espíritos se encontram na erraticidade como bem é explicado em *O Livro dos Espíritos*, capítulo VIII - Emancipação da Alma, na pergunta

LE 417. Certo número de Espíritos pode então se reunir e formar uma assembleia?

RESP – Sem nenhuma dúvida. Os laços de amizade, antigos ou novos, reúnem frequentemente diversos Espíritos que se sentem felizes em se encontrarem.



Essa movimentação dos Espíritos tanto pode ser entre os desencarnados como também encarnados.

No livro, *Apologia a Sócrates* de autoria de Platão, há dois cenários para a morte que refletem a posição socrática sobre o mesmo assunto: ou será como uma longa noite, ou ele estará no Hades e poderá falar com grandes figuras que já se foram parafraseando o autor.

Quero morrer muitas vezes, se isso é verdade, pois para mim especialmente. **a conversação acolá seria maravilhosa, quando eu encontrasse Palamedes e Ajax Telamônio e qualquer um dos antigos mortos por injusto julgamento. E não seria sem deleite, me parece, confrontar o meu com os seus casos, e, o que é melhor, passar o tempo examinando e confrontando os de lá com os cá, os últimos os quais tem a pretensão de conhecer a sabedoria dos outros, e acreditam ser sábios e não são.** A que preço, ó juízes, não se consentiria em examinar aquele que guiou o grande exército a Tróia, Ulisses, Sísifo, ou infinitos outros? Isso constituiria infável felicidade. (Platão, 2007, 41a-41c, grifos nossos).

Já está presente em Sócrates e confirmando a imortalidade, a ideia do encontro, após a morte do corpo, com os seus amigos filósofos, já na erraticidade, e isso constituiria infável felicidade. Esse pensamento nos é constatado em toda a Revelação Espírita, principalmente no capítulo VIII de *O Livro dos Espíritos*, no *Livro dos Médiuns* e na *Revista Espírita*, descrevendo situações e casos em que se consideram os diversos meios de afastamento do Espírito do corpo físico, resultando em encontros no plano espiritual. Os relatos são inúmeros e comprovam que os primeiros filósofos gregos já tinham pensamentos semelhantes ora confirmados pela doutrina séculos depois.

VIII DURAÇÃO DAS PENAS EM PLATÃO E A JUSTIÇA DIVINA NA DOCTRINA

Continuando a narrativa do mito, agora relatando como Platão entende as penas e gozos e como as aplica.

Cada uma das almas suportava **dez vezes a pena das injustiças cometidas durante a vida. A duração de cada punição era de cem anos, duração natural da vida humana, a fim de que o castigo fosse sempre o décuplo para cada crime.** Assim, aqueles que haviam feito morrer os seus semelhantes em massa; atraíram cidades ou exércitos; reduziram seus concidadãos à escravidão ou cometido outras perversidades, **eram atormentados ao décuplo para cada crime.** Ao contrário, aqueles que haviam **semeado o bem em seu redor; que tinham sido justos e virtuosos, recebiam na mesma proporção a recompensa de suas boas ações.** (Kardec, 1858, p. 373)(Platão, 2019, 615a-b, grifos nossos).

No item 4 do cap. 5 da primeira parte do livro *O Céu e o Inferno* (Kardec, 2007), está dito:

É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja das suas imperfeições, que se purga, em uma palavra, até que esteja bastante pura para deixar os mundos de expiação como a Terra, onde os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à ideia de que deles se faz, depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. **O livramento se dá, não por conclusão de tempo nem por alheios méritos, mas pelo próprio mérito de cada um, consoante estas palavras do Cristo: – A cada um, segundo as suas obras, palavras que resumem integralmente a justiça de Deus.** (grifo nosso).

Tanto no mito quanto na doutrina, o conceito de penas e recompensas está de acordo com o bem ou o mal realizado pelas almas. Para os espíritas, não há um número definido de reencarnações. Elas se farão segundo a necessidade de purificação de cada um na jornada evolutiva. A prova ou expiação a ser reparada é de valor moral, ou seja, não é pena de Talião¹³ e nem preto no branco. Na primeira carta de Pedro 1, 7-9 está dito: “*Ora, está muito próximo o fim de todas as coisas; portanto, tende bom senso e vigiai em oração. Antes de tudo, exercei profundo amor fraternal uns para com os outros, porquanto o amor cobre uma multidão de pecados. Sede hospitaleiros uns para com os outros, sem vos queixar.*” (Grifo nosso). Fazendo o bem, é certo o aprimoramento do Espírito pelo caminho axiológico e teleológico. Afinal, o objetivo de todos é a felicidade.

No mito, podemos perceber que Platão não se interessou pelo destino das crianças, mas a justiça deveria ser aplicada ao ímpio, ao injusto, que, este sim, merecia a condenação a dez vezes o sofrimento das injustiças cometidas durante a vida.

O que ele dizia das crianças, que a morte leva pouco depois do nascimento, merece pouca consideração, mas ele garantia que ao ímpio, ao filho desnaturado e ao homicida estavam reservados os mais cruéis sofrimentos e ao homem religioso e ao bom filho, a felicidade mais abundante. (Kardec, 1858, p. 373)(Platão, 2019, 615e).

O Catecismo da Igreja Católica, publicado em 1992, tem ensinado que as crianças falecidas sem o Batismo são confiadas à misericórdia de Deus e ao primado do Cristo e sua graça, cuja força do amor permite esperar com confiança de que exista uma via de salvação para elas.

A Congregação para a Doutrina da Fé que, em 2007, publicou um documento onde afirma que, o ensinamento tradicional entendia o limbo “*como estado no qual as almas das crianças, que morrem sem Batismo, não mereciam o prêmio da visão beatífica por causa do pecado*

¹³ A lei de Talião, também dita Pena de Talião, consiste na rigorosa reciprocidade do crime e da pena – apropriadamente chamada retaliação. Na perspectiva da lei de Talião, a pessoa que fere outra deve ser penalizada em grau semelhante, e a punição deve ser aplicada pela parte lesada.



original, mas não sofriram nenhuma punição dado que não tinham cometido pecados pessoais”¹⁴. Torna assim, indefinida, a situação de uma criança morta em tenra idade, ou seja, se não sofre também não goza de nenhum conforto ou bem-estar. Não seria essa situação imerecida, ilógica ou injusta?

No entanto, a Doutrina Espírita nos ensina na pergunta 199a de *O Livro dos Espíritos*: “Em que se transforma o Espírito de uma criança morta em tenra idade? - Recomeça uma nova existência.” Portanto, é uma doutrina pautada no progresso do Espírito em todas as áreas, física, intelectual e moral, objetivando sempre a perfectibilidade, o burilamento do ser. “A cada um segundo as suas obras” (Romanos 2:6), justiça divina dando oportunidades através das reencarnações¹⁵.

As seguintes questões de *O Livro dos Espíritos* também elucidam o assunto:

LE 197. O Espírito de uma criança morta em tenra idade é tão adiantado como o de um adulto?

RESP – Às vezes bem mais, porque pode ter vivido muito mais e possuir maiores experiências, sobretudo se progrediu.

LE 198. O Espírito da criança que morre em tenra idade, não tendo podido fazer o mal, pertence aos graus superiores?

RESP – Se não fez o mal, também não fez o bem, e Deus não o afasta das provas que deve sofrer. Se é puro, não é pelo fato de ter sido criança, mas porque já se havia adiantado.

Nenhum de nós escapará à Justiça Divina. Não sabemos o que está por detrás daquela alma ainda em corpo de criança em tenra idade. Como diz Vicente Paulo em uma dissertação espírita,

A criação perpétua e incessante dos mundos é, para Deus, um como gozo perpétuo, porque ele vê incessantemente seus raios se tornarem cada dia mais luminosos em felicidade. (...) É um Pai, cuja felicidade se forma da felicidade coletiva de seus filhos e que, a cada segundo da criação, vê uma nova felicidade vir fundir-se na felicidade geral. Não há parada, nem suspensão, nesse movimento perpétuo, nessa grande felicidade incessante que fecunda a terra e o céu. (Kardec, 2002, Capítulo XXIX – Dissertações espíritas).

Portanto, há Espíritos de todas as idades reencarnado o tempo todo, cada um dentro de um grau de evolução moral.

IX ESPÍRITOS ENDURECIDOS EM PLATÃO E NA DOCTRINA

A metáfora platônica da *Revista Espírita* também faz referência aos Espíritos endurecidos quando narra:

... vimos Ardieu e vários outros, cuja maioria era formada de tiranos como ele, ou de seres que, em situação particular, haviam cometido grandes crimes. **Em vão esforçavam-se por subir, e todas as vezes que esses culpados, cujos crimes não tinham remédio ou não haviam sido expiados suficientemente, tentavam sair, o abismo os repelia rugindo**¹⁶. Então personagens hediondas, de corpos inflamados, que lá se encontravam, acorriam a esses rugidos. Primeiramente, levaram à força alguns desses criminosos. Quanto a Ardieu e aos outros, **atalharam-lhes os pés, as mãos a cabeça e, tendo-os derrubado por terra e ferido a pancadas, arrastaram-nos para fora da estrada, através de espinheiros sangrentos, repetindo às sombras, à medida que essas passavam: Eis os tiranos e os homicidas. Nós os arrastamos para lançá-los no Tártaro**¹⁷. Essa alma acrescentava que entre tantos casos terríveis, nada lhes causava mais pavor que o mugido do abismo e que seria uma alegria extrema poder sair em silêncio. (Kardec, 1858, p. 373, grifos nossos)(Platão, 2019, 615d).

Na Parábola do Festim das Bodas tem-se uma boa ideia do que seria esse lugar de sofrimento terrível mencionado por Platão no Mito de Er – “Entrou, em seguida, o rei para ver os que estavam à mesa, e, dando com um homem que não vestia a túnica nupcial – disse-lhe: Meu amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial? O homem guardou silêncio. – Então, disse o rei à sua gente: Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes – porquanto, muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” (MATEUS 22:1 a 14).

No mito, as almas que tiveram um comportamento tirânico¹⁸ cruel, eram referidas através da frase platônica “**Ele não vem e jamais virá.**” Ele se referia, por exemplo, a Ardieu, que foi um tirano implacável e que, portanto, não merecia e nem seria permitido **nunca** estar

¹⁴ Documento “Esperança da Salvação para as Crianças que morrem sem Batismo” contido neste [link](#), nota preliminar.

¹⁵ Comentário de Karded após resposta à questão 199a – “Não é, aliás, razoável, considerar-se a infância como um estado de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que a educação ainda não pode exercer a sua influência?”.

¹⁶ Uma analogia ao Mito de Sísifo - O mito de Sísifo fala sobre um personagem da mitologia grega considerado o mais inteligente e esperto dos mortais. Entretanto, ele desafiou e enganou os deuses e, por isso, recebeu um castigo terrível: rolar uma grande pedra montanha acima por toda a eternidade. Ao chegar no topo da montanha, a bola escapava e voltava para o sopé do morro, obrigando Sísifo a empurrá-la para cima eternamente.

¹⁷ Tártaro - Na *Ilíada*, de Homero, representa-se este mitológico Tártaro como prisão subterrânea 'tão abaixo do Hades quanto a terra é do céu'. O Tártaro também é o local onde o crime encontra seu castigo.

¹⁸ Nota de rodapé, número 3 na edição consultada, ao final do texto da *Revista Espírita* de setembro de 1858 – *Os Antigos não emprestavam ao vocábulo tirano o sentido que hoje lhe damos. Esse nome era dado a todos aqueles que se apoderavam do poder soberano, quaisquer que fossem as suas ações, boas ou más. A História cita tiranos que fizeram o bem. Entretanto, como na maioria dos casos acontece que, ou para satisfazer a ambição, ou para se manter no poder, o fizessem através de crimes, mais tarde o vocábulo tornou-se sinônimo de cruel e se aplica a todo indivíduo que abusa de sua autoridade.*



naquele lugar de repouso onde as almas se encontravam antes de seguirem seus destinos¹⁹ (visão platônica). Na pergunta,

LE 194a. A alma de um homem perverso pode transformar-se na de um homem de bem?

RESP – Sim, se ela se arrepender, e então será uma recompensa.

COMENTÁRIO. A marcha dos Espíritos é progressiva e jamais retrógrada.

Acima vê-se claramente, uma posição contrária à de Platão, pois segundo a Doutrina Espírita, pela Justiça Divina, todos têm possibilidades de reparação. Portanto, todos temos a própria trajetória evolutiva, que é fruto de escolhas e todos, dentro do seu próprio tempo, despojando-se das suas imperfeições, poderão alcançar mundos/estados de felicidade máxima.

X A ESCOLHA DAS PROVAS EM PLATÃO E NA DOCTRINA

No mito, depois de se encontrarem e após 7 dias de repouso, as almas seguiam para um outro local onde se encontrariam com as *Moiras*, filhas da Necessidade – Laquesis (passado), Cloto (presente) e Átropo (futuro), que com suas mãos manejavam as diversas esferas ao redor da Terra. Essas esferas eram sustentadas pelo *Fuso da Necessidade*²⁰ e representavam os locais para onde iriam as almas após a escolha das provas.

Logo que chegavam, as almas tinham que se apresentar a Laquesis. Para começar, um hierofante (grande sacerdote conhecedor dos mistérios) as colocava em fila, uma atrás da outra. Depois, tomando do colo de Laquesis as sortes ou números em cuja ordem cada alma deveria ser chamada, bem como as diversas condições humanas que lhes eram oferecidas para escolha, ele subia num estrado e assim lhes falava: ‘Eis o que diz a virgem Laquesis, filha da Necessidade: **Almas passageiras, vós ides começar uma nova carreira e renascer na condição mortal. Não se vos designará o vosso gênio. Vós mesmas o escolhereis. Aquela que a sorte chamar em primeiro lugar escolherá, e sua escolha será irrevogável. A virtude a ninguém pertence. Ela se liga àquele que a honra, e abandona aquele que a despreza. Cada um é responsável pela escolha. Deus é inocente.** (Kardec, 1858, p. 375, grifo nosso)(Platão, 2019, 617d).

Observação importante: a citação acima foi tirada da *Revista Espírita* de setembro de 1858, onde está escrito ‘*Deus é inocente*’. Na versão original platônica está assim: “*A responsabilidade é de quem escolhe, não cabendo ao deus responsabilidade alguma.*” (Platão, 2019, 617e).

¹⁹ Ardieu foi um tirano de uma cidade de Panfília mil anos antes dessa época. Havia matado o seu velho pai, o irmão primogênito e cometido, dizia-se, muitos outros sacrilégios. Está no texto da *Revista Espírita* de setembro de 1858, p. 373.

²⁰ São as diversas esferas dos planetas, girando ao redor da Terra, fixada no eixo daquele fuso, elemento de necessidade absoluta, fatal e inexorável importante na escolha das provas, pois as almas irão se dirigir para essas esferas após a escolha (Platão, 2019, 616e, 1542).

Como se referem ao mesmo mito, as duas narrativas concordam. Além do mais, a mesma ideia está contida em *O Livro dos Espíritos*, que diz:

LE 258. No estado errante, antes de nova existência corpórea, o Espírito tem consciência e previsão do que lhe vai acontecer durante a vida?

RESP – Ele mesmo escolhe o gênero de provas que deseja sofrer; nisto consiste o seu livre arbítrio.

LE 258a. Não é Deus quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

RESP – Nada acontece sem a permissão de Deus, porque foi Ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. Perguntareis agora por que Ele fez tal lei em vez de tal outra! **Dando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade dos seus atos e das suas consequências; nada lhe estorva o futuro; o caminho do bem está à sua frente, como o do mal. Mas se sucumbir, ainda lhe resta uma consolação, a de que nem tudo se acabou para ele, pois Deus, na sua bondade, permite-lhe recomeçar o que foi malfeito.** (Grifos nossos).

Logo em seguida, pelo texto da *Revista Espírita*, é explicado como se procede a escolha em si.

A essas palavras ele espalhava os números e cada alma apanhava o que lhe caía à frente, exceto o Armênio, que não teve a mesma permissão. Em seguida, o hierofante apresentou-lhes todos os gêneros de vida, em número bem maior do que o das almas ali reunidas. A variedade era infinita. **Encontravam-se ao mesmo tempo todas as condições humanas e de animais.** Havia tiranias, algumas que duravam até a morte e outras que se interrompiam bruscamente e acabavam na pobreza, no exílio e no abandono. A ilustração se mostrava sob muitos aspectos: era possível escolher a beleza, a arte de agradar, os combates, a vitória ou a nobreza de raça. Estados completamente obscuros em todos os sentidos, ou intermediários, misturas de riqueza e pobreza, de saúde e de doença eram oferecidos à escolha. **Havia também a mesma variedade nas condições de mulher.** (Kardec, 1858, p. 375, grifos nossos)(Platão, 2019, 617d).

No Espiritismo, o livre arbítrio é enfatizado para defender a liberdade que cada um tem ao escolher suas provas e, geralmente, as escolhem de acordo com as existências anteriores com a finalidade de progredirem na escala evolutiva.

LE 259. Se o Espírito escolhe o gênero de provas que deve sofrer, todas as tribulações da vida foram previstas e escolhidas por nós?



RESP – Todas, não é bem o termo, pois não se pode dizer que escolheste e previstes tudo o que vos acontece no mundo, até as menores coisas. Escolheste o gênero de provas; os detalhes são consequências da posição escolhida, e frequentemente de vossas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfeitores, por exemplo, já sabia a que deslize se expunha, mas não conhecia cada um dos atos que praticaria; esses atos são produtos de sua vontade ou do seu livre arbítrio.

Em Platão, as escolhas podem ser feitas dependendo do sofrimento passado e como uma fuga para não querer enfrentar, novamente, fatos ou pessoas de vidas passadas como por exemplo citado na *Revista Espírita*: “a vigésima alma a ser chamada para escolher tinha assumido a natureza de um leão: era a de Ajax, filho de Telamon. Detestava a humanidade ao relembrar o julgamento que lhe havia rebatado as armas de Aquiles.” No original, o nome de Aquiles é omitido. (Kardec, 1858, p. 378)(Platão, 2019, 620b).

XI METEMPSICOSE – O ESPÍRITO RETROAGE?

Observa-se que Platão aceitava a *metempsicose*²¹, fato não corroborado pelo Espiritismo, pois o Espírito não retroage. Sua finalidade é sempre ascendente, progressiva almejando a felicidade.

LE 612. Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?

RESP – Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente.

No mito encontramos vários personagens da mitologia grega reencarnando em animais como “*Er tinha visto a alma que outrora pertencera a Orfeu, escolher a alma de um cisne. Por ódio às mulheres por quem tinha sido morto, não queria dever a nenhuma delas o seu nascimento.*” (Kardec, 1858, p.377)(Platão, 2019, 620a)).

Examinemos com ele quais as situações humanas, isoladas ou em conjunto, que conduzem às boas ações: se a beleza, por exemplo, junto com a pobreza ou com a riqueza, ou se certa disposição de espírito deve produzir a virtude ou o vício; qual a vantagem de um nascimento brilhante ou comum: a vida privada ou pública, a força ou a fraqueza, a instrução ou a ignorância, enfim tudo quanto o homem recebe da Natureza e tudo quanto tem em si mesmo. Esclarecidos pela consciência, decidamos qual a sorte que a nossa alma deve preferir. (Kardec, 1858, p. 376).

Na citação acima da *Revista Espírita*, são expostas as situações humanas que podem decorrer das escolhas das provas. Na conversa com Glauco, Sócrates (Platão,

2019, 618c) pede que se medite e abandone as coisas vãs e que se entregue à ciência, ou seja, examinemos melhor as escolhas antes e durante a reencarnação. Quando o Espírito de Verdade se refere à instrução seria no sentido de abandonarmos a ignorância para conhecermos a nós mesmos (LE 919) e sabermos o que somos em essência, ou seja, Espíritos imortais. Sócrates aconselha-nos a buscar um mestre e esse mestre seria, posteriormente, Jesus e ainda mais recentemente o Espiritismo. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* contém o Sermão do Monte no capítulo 17, onde Jesus nos dá um dos seus mais preciosos ensinamentos, e que serve de guia para uma vida prudente destinada ao bem.

Para Sócrates, uma vida não examinada não vale a pena ser vivida. Isso nos remete novamente à pergunta 919 de *O Livro dos Espíritos*. “... a nossa alma, a fim de que ela não se deixe, lá embaixo, fascinar nem pelas riquezas, nem pelos outros males dessa natureza e que, atirando-se arduamente sobre a condição de tirano ou qualquer outra semelhante, não se exponha a cometer um grande número de males sem remédio e a sofrer-los ainda maiores.” Essa pergunta é uma reflexão de Agostinho de Hipona²² que reforça a ideia contida em Platão e na *Revista Espírita* sobre não nos deixarmos fascinar por coisas inúteis para não cometermos nenhum erro que possa ainda mais prejudicar a existência. Para tanto, o exercício da prudência é necessário. A escolha das provas não pode ser feita ou não deve ser feita sem planejamento, sem reflexão. Quanto mais vivências tem o Espírito, mais ele adquire experiência e mais capacitado será em usar o bom senso kardequiano como um requisito necessário para uma vida frutífera a caminho do bem-estar.

XII A PRUDÊNCIA ARISTOTÉLICA COMO QUESITO PRINCIPAL

O mito também faz referência àquele que escolhe primeiro e o que o faz por último: as chances são as mesmas uma vez que o número de provas é muito maior que o número de almas e existem igualmente tanto para homens quanto para mulheres. A condição importante é não ser imprudente. A prudência é a virtude mais importante para o filósofo Aristóteles, pois esta conserva o equilíbrio do livre arbítrio tanto pela falta quanto pelo excesso nas ações, prejudicando ou ajudando a existência do Espírito. Sobre a escolha das provas, os Espíritos disseram que “*Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa.*” (Kardec, 1857, questão 264). Nesse sentido, a prudência aristotélica deve ser utilizada como afirmam alguns estudiosos, ao se referirem à vida prática, à *phronesis*, isto é, a experiência na carne. Como já foi mencionado, a prudência deve ser exercida nos dois

²¹ Para Pitágoras de Samos, século IV a.C., e seus seguidores, adeptos à metempsicose a alma dos homens se encontra aprisionada em um corpo. Depois da morte física, a alma é reencarnada em outro corpo de maneira sucessiva com o fim de purificar-se, podendo esse corpo ser o de um animal.

²² Aurélio Agostinho de Hipona, conhecido universalmente como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo. Agostinho é um dos Espíritos que assina o prolegômeno em *O Livro dos Espíritos*, e contribuiu com a Doutrina através de inúmeras comunicações. Ele próprio se fundamenta no platonismo para escrever sua filosofia.



planos da existência, pois trata de buscar a verdade com conhecimento e razão. Sobre a prudência em Aristóteles, estudiosos afirmam o seguinte:

A prudência é uma das principais virtudes para Aristóteles. A palavra prudência vem do termo grego *phronésis*, que é uma espécie de sabedoria prática, sabedoria do agir, para o agir e no agir. É uma virtude que pode ser considerada como a gestora ou governadora das demais virtudes. É a prudência que escolhe os meios para atingir os fins. Trata-se de uma virtude intelectual que tem a ver com o verdadeiro, com o conhecimento e com a razão. Poderíamos dizer que essa virtude é um instrumento da razão, e é o próprio bom senso. Pode ser comparada a um farol, a uma bússola, a um radar, a um termômetro, e serve para guiar os homens nos caminhos da vida, em todas as situações. (Chauí, 1994).

Citando Andre Comte-Sponville (2004), “*A prudência é virtude sempre presente, mas também previsora ou antecipadora. O homem prudente é atento a tudo. Ele presta atenção ao que acontece, ao que pode acontecer, sem desconsiderar o que já aconteceu, e jamais toma decisões precipitadas. A prudência é a arte de levar isso tudo em conta, é o desejo lúcido e razoável.*” (Comte-Sponville, 2004, cap. 3, grifos nossos).

A seguinte citação de Kardec (1998) no livro *O que é o Espiritismo*, demonstra o quanto a maior virtude aristotélica é importante para as decisões na vida.

Uma vez bem-informados acerca dos defeitos e das boas qualidades que entre eles se encontram, cabe à nossa **prudência** distinguir o que é bom do que é mau, o verdadeiro do falso em suas relações conosco, absolutamente como procedemos a respeito dos homens. (Kardec, 1998, Capítulo I — Pequena conferência espírita, segundo diálogo. — O céptico, Origem das ideias espíritas modernas, grifos nossos).

Uma das ferramentas mais utilizadas por Kardec foi o bom senso ou a prudência quando ia escolher o que deveria ser colocado nos livros de base doutrinária.

Ainda comentando sobre mito, damos continuidade na narração:

Arrastado por sua **imprudência** e por sua avidez e sem atentar bastante para o que estava fazendo, não percebeu a fatalidade ligada ao objeto de sua escolha e que um dia fá-lo-ia comer a carne de seus próprios filhos e cometer muitos outros crimes horríveis. Entretanto, quando considerou a sorte que havia escolhido, gemeu, lamentou-se e, esquecendo as lições do hierofante, acabou acusando como responsáveis por seus males a fortuna, os gênios, tudo, menos a si próprio ... (Kardec, 1858, p. 376)(Platão, 2019, 619c).

Para a Doutrina Espírita, a criatura quando “*entra no período humano, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos*”, não pode deixar de assumi-los, colocando a culpa em outros fatos ou pessoas. O Espírito é totalmente responsável pelas suas ações. “Deus é inocente.” A escolha é livre.

Assim, “*o homem prudente jamais comete os mesmos erros, nem repete as mesmas ações esperando um resultado diferente, porque sabe que os resultados dependem da escolha dos meios. A prudência leva também em conta o imprevisto, porque sabe que não detém o controle de tudo, e que incidentes podem surgir, mas age sempre com cautela.*” (Comte-Sponville, 2004, grifo nosso).

De volta ao *Livro dos Espíritos*:

LE 261. O Espírito, nas provas que deve sofrer para chegar à perfeição, **terá de experimentar todos os gêneros de tentações?** Deverá passar por todas as circunstâncias que possam provocar-lhe o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade etc.?

RESP – Certamente não, pois sabeis que há os que tomam, desde o princípio, um caminho que os afasta de muitas provas. Mas, aquele que se deixa levar pelo mau caminho, corre todos os perigos do mesmo. Um Espírito pode pedir a riqueza e lhe ser dada; então, **segundo o seu caráter**, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda entregar-se a todos os prazeres da sensualidade. **Mas isso não quer dizer que ele devia cair forçosamente em todas essas tendências.**

LE 265. Se alguns Espíritos escolhem o contato com o vício, como prova, há os que o escolhem por simpatia e pelo desejo de viver num meio adequado aos seus gostos, ou para poderem entregar-se livremente às suas inclinações materiais?

RESP – Há, por certo, mas, só entre aqueles cujo **senso moral é ainda pouco desenvolvido**; a prova decorre disso, e eles a sofrem por tempo mais longo. **Cedo ou tarde compreenderão que a satisfação das paixões brutais tem para eles consequências deploráveis**, que terão de sofrer durante um tempo que lhes parecerá eterno. Deus poderá deixá-los nesse estado até que eles tenham compreendido suas faltas, pedindo por si mesmos o meio de resgatá-las em provas proveitosas. (Grifos nossos).

A escolha das provas poderia ser influenciada mais pela força do hábito do que por uma filosofia de prudência, segundo o pensamento platônico, pois muitos realizam suas escolhas levados por sentimento de vingança, covardia ou desilusão. Em hipótese, também poderia ser considerado que, pelas limitações de nível moral ou imperfeições que o Espírito traz em sua bagagem, a tendência seria escolher provas materiais que o fariam sentir-se mais confortável do que as espirituais. Esses, em Platão, escolheriam reencarnar em corpos de animais, demonstrando ainda o atraso do Espírito fortemente ligado às coisas materiais. Outro possível motivo seria uma profunda desilusão com a humanidade. Todavia, outros já cansados de labutarem em vivências difíceis, tinham a serenidade, a prudência e o bom senso para escolherem uma vida mais humilde e tranquila como fez “*a alma de Ulisses, que o sorteio havia colocado por último, também veio escolher. Como a recordação de seus longos revezes lhe*



tivesse tirado toda a ambição, procurou demorada e penosamente e encontrou, num recanto, a vida tranquila de um homem a quem todas as outras almas haviam deixado de lado. Dando-se conta de sua opção, aquela alma disse que não teria feito outra escolha, mesmo se tivesse sido a primeira a ser chamada.” (Kardec, 1858, p. 378)(Platão, 2019, 620c). Ulisses²³ demonstra a prudência e uma evolução moral conseguida através das lutas que sofre em seu caminho de volta ao Reino de Ítaca.

Entretanto, se quando viesse viver aqui neste mundo o indivíduo praticasse o amor à sabedoria de maneira sadia, e pelo sorteio (...) então, com base no que Er relatou a respeito do outro mundo, arriscaríamos afirmar que não apenas seria ele feliz aqui, como também sua senda de viajante daqui para lá e de retorno para cá não seria a áspera senda subterrânea, mas o brando caminho celestial. (Platão, 2019, 619e).

XIII GÊNIO PLATÔNICO E O ANJO GUARDIÃO DA DOCTRINA

Seguindo a ordem do texto do mito,

Depois que todas as almas haviam feito a escolha de sua condição, aproximaram-se de Laquesis, segundo a ordem de escolha. A Parca deu a cada uma o gênio de sua preferência, a fim de lhe servir de guardião durante a vida e auxiliá-las a cumprir o seu destino. Para começar, esse gênio as conduzia a Cloto que, com a mão e com um giro do fuso, confirmava o destino escolhido. Depois de haver tocado no fuso, o gênio a conduzia a Átropos, que enrolava o fio para tornar irrevogável aquilo que havia sido fiado por Cloto. A seguir, avançavam para o trono da Necessidade, ao pé do qual a alma e seu gênio passavam juntos... (Kardec, 1858, p. 378)(Platão, 2019, 620e).

As três Moiras ou Parcas cumpriam papéis importantes: Laquesis dava um gênio ou anjo guardião como também é explicitado no Espiritismo; Cloto confirmava o caminho escolhido pelas provas; Átropos selava o destino que seria irrevogável. A pergunta 157 corrobora a ideia explicitada acima sobre a falta de noção em escolher as provas. No entanto, embora a seja irrevogável, as consequências podem variar uma vez que o Espírito pode adquirir maior entendimento, enquanto encarnado, e mudar suas atitudes.

157. A sorte do homem, na vida futura, está irrevogavelmente fixada depois da morte?

RESP – A fixação irrevogável da sorte do homem, depois da morte, seria a negação absoluta da justiça e da bondade de Deus, porque há muitos que não puderam esclarecer-se suficientemente na existência terrena, sem falar dos idiotas, imbecis, selvagens e de elevado número de crianças que morrem sem ter entrevisto a vida. (Kardec, 1998, Capítulo III, Solução de alguns problemas pela doutrina espírita, O homem depois da morte, item 157).

Entre as perguntas 489/495 em *O Livro dos Espíritos*, Kardec menciona a questão do anjo guardião ou o gênio platônico, explicando que o anjo guardião é um irmão espiritual bom ou um bom gênio de uma ordem elevada que acompanha o encarnado desde o seu nascimento até à morte, podendo permanecer com ele após o desencarne e ainda continuar por várias outras existências corpóreas, sempre auxiliando pelas inspirações, mas nunca interferindo nas decisões.

XIV ESQUECIMENTO EM PLATÃO E NA DOCTRINA

Continuando a narrativa; “Tão logo haviam todas passado pelo Fuso da Necessidade, dirigiram-se para uma planície do Letes, o Esquecimento (...), passando a noite junto ao rio Ameles, (...) cujas águas todos eram obrigados a beber, (...), mas os imprudentes bebiam demais.” (Kardec, 1858, p. 379)(Platão, 2019, 621a). Em *O Livro do Espíritos* vemos:

LE 392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do passado?

RESP – O homem nem pode nem deve saber tudo; Deus assim o quer, na sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa sem transição da obscuridade para a luz. Pelo esquecimento do passado ele é mais ele mesmo.

A narrativa do mito na *Revista Espírita* termina com a conclusão de Sócrates dizendo a Glauco:

E, assim, Glauco, a história não foi perdida, mas preservada e nos salvaria se dela nos convencêssemos nos permitindo atravessar bem o Rio do Esquecimento e nossas almas permaneceriam imaculadas. Mas, se fomos persuadidos por mim, acreditaremos na imortalidade da alma e que ela é capaz de experimentar todos os males e bens e nos manteremos sempre firmes na senda ascendente, praticando a justiça acompanhada da sabedoria em todas as situações. (Kardec, 1858, p. 379)(Platão, 2019, 621e).

XV CONCLUSÕES

No livro *A República* de Platão, o texto sobre a escolha das provas para uma nova existência está inserido em um diálogo entre Sócrates e Glauco sem nenhuma evidência especial. É apenas uma narrativa falando sobre a justiça, que é praticamente o tema de boa parte do livro, mas que termina com O Mito de Er porque, dependendo da escolha, é que se dará a pena ou a recompensa às almas e, na doutrina, segundo a justiça divina. Veja-se a seguir um trecho:

²³ Ulisses (em latim: *Ulysses* ou *Ulixes*) foi, nas mitologias grega e romana um personagem da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero. É a personagem principal dessa última obra, e uma figura à parte na narrativa da **Guerra de Troia**. É um dos mais ardilosos guerreiros de toda a **epopeia grega**, mesmo depois da guerra, quando do seu longo retorno ao seu reino, **Ítaca**, uma das numerosas **ilhas gregas**.



Entretanto, se quando viesse viver aqui neste mundo o indivíduo praticasse o amor à sabedoria de maneira sadia, e pelo sorteio (....) então, com base no que Er relatou a respeito do outro mundo, arriscaríamos afirmar que não apenas seria ele feliz aqui, como também sua senda de viajante daqui para lá e de retorno para cá não seria a áspera senda subterrânea, mas o brando caminho celestial. (Platão, 2019, 619e).

Na *Revista Espírita* de setembro de 1858, o texto leva o nome de “A Doutrina da Escolha das Provas”. Ele foi colocado lá por Kardec de maneira bem sintética, mas com o mesmo sentido que está no original e em *O Livro dos Espíritos*, nos levando a concluir que as três obras têm similaridades, convergências, coerências e identidade em vários pontos, certificando a posição de Kardec ao colocar Sócrates e Platão como precursores do Espiritismo. Se formos analisar o mito sob outros aspectos, como já foi feito anteriormente, também encontraremos similaridades com referência a conceitos como reencarnação, imortalidade da alma, preexistência da alma, etc.

A doutrina da Escolha das Provas em Platão dá bastante suporte para uma declaração de Herculano Pires que dizia que o Espiritismo “na verdade, a Filosofia Espírita se apresenta, para o investigador imparcial, como o delta natural em que desemboca no presente toda a tradição filosófica.” (Pires, 2005, item 3, A Tradição Filosófica, p. 23). Há muitos pontos de tangência entre *O Mito de Er e a Escolha das Provas* em *O Livro dos Espíritos*, começando pelo livre arbítrio, ponto chave para as duas teorias. Kardec mesmo afirma que, ao se deparar com esse mito no livro *A República*, deixa claro que o que é dito em *O Livro dos Espíritos* não é de autoria dele e nem de seus assessores, mas sim uma parceria enriquecedora com os Espíritos de Luz que nada mais foram do que os gênios que no passado habitaram este planeta e que se reuniram sob a ordem do Espírito de Verdade para trazer o consolador prometido aos homens e mostrar-lhes uma nova opção para um futuro mais digno e promissor, revelando a imortalidade da alma, a preexistência da alma, a reencarnação e o livre arbítrio na escolha das provas, sendo este último item o objeto desta análise. No entanto, o organizador da doutrina não abdicou de sua autonomia em colocar sob o crivo da razão todas as informações que recebia ou dos Espíritos diretamente o de sua equipe de médiuns espalhada pelo mundo.

Portanto, podemos afirmar com segurança que a Doutrina Espírita tem suas raízes na Filosofia Tradicional uma vez que não apenas os Espíritos que nos trouxeram a Revelação foram os mesmos que por aqui passaram e fizeram a glória do pensamento humano, mas também, porque seus ensinamentos corroboraram e desenvolveram alguns importantes mitos da antiguidade que fundamentam o pensamento espírita.

Ao lermos *O Livro dos Espíritos* cuidadosamente, no qual reside toda a Filosofia Espírita, podemos melhor entender a frase “Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das ma-

nifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom-senso.” (Kardec, 1857, *O Livro dos Espíritos*, parte 4, *Das Esperanças e Consolações*, Conclusão, capítulo V).

AGRADECIMENTOS

A autora agradece aos amigos o forte estímulo que recebeu para escrever este artigo, Alexandre F. Fonseca e David Monducci.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M., *Introdução à Filosofia*, Aristóteles, 1ª ed. Editora Brasiliense, SP, 1994.
- CAMPBELL, J., *O Poder do Mito*, trad. Carlos Felipe Moisés, Ed. Palas Atena, SP, 1990.
- COMTE-SPONVILLE, A., *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, Ed. Martins Fontes, SP, 2004.
- DENIS L., *O Genio Céltico e o Mundo Invisível*, trad. Cícero Pimentel, 2ª ed., RJ, Ed. CELD 2001.
- HOMER, *The Odyssey*, trans. E. V. Rieu e D. C. H. Rieu. Editora Penguin Classics, 2003.
- KARDEC, A., *O Primeiro Livro dos Espíritos*, 1857, trad. Canuto Abreu, Companhia Editora Ismael, 1957, texto bilíngue, SP. É a versão *fac-simile* de 1957.
- KARDEC, A., “Doutrina da Escolha das Provas”, *Revista Espírita* 1858, setembro, p. 371. Trad. Evandro Noletto Bezerra, 4ª ed., Editora FEB, Rio de Janeiro, 2007.
- KARDEC, A., *The Spirit's Book 1860*, translated by Darrel W. Kimble and Marcia M. Saiz, revisado por FEB e CEI, em 10/2021.
- KARDEC, A., “Discurso do Sr. Allan Kardec”, *Revista Espírita* 1861, outubro, p. 430. Trad. Evandro Noletto Bezerra, 4ª ed., Editora FEB, Rio de Janeiro, 2007.
- KARDEC, A., “Os Tempos são Chegados”, *Revista Espírita*, 1866, outubro, p. 385. Trad. Evandro Noletto Bezerra, 4ª ed., Editora FEB, Rio de Janeiro, 2007.
- KARDEC, A., *O que é o Espiritismo*, trad. Wallace Leal V. Rodrigues, 25ª edição, Editora Lake, São Paulo, 1998.
- KARDEC, A., *O Livro dos Médiuns*, tradução J. H. Pires, da 2ª ed. Francesa, editora Lake, 2002.
- KARDEC, A., *O Céu e o Inferno*, trad. J. H. Pires e João Teixeira de Paula, 12ª ed. Editora Lake, SP, 2007.
- KARDEC, A., *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, trad. J. H. Pires, 71ª ed. Editora Lake, SP, 2013.
- DE CARVALHO, P. M., “O MITO EM PLATÃO E A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM”, *PÓLEMOS – Revista De Estudantes De Filosofia Da Universidade De Brasília*, **3**, 150 (2015). DOI: 10.26512/pl.v3i6.11656.
- PIRES, J. H., *Introdução à Filosofia Espírita*, Ed. Paidéia, 4ª edição, maio, São Paulo, SP, 2005.
- PLATÃO, *Apologia a Sócrates*, trad. Maria Lacerda de Moura, Introdução de Alceu Amoroso Lima, Ediouro, Editora Nova Fronteira, coleção universitária, Rio de Janeiro, 2007.
- PLATÃO, *A República (ou Da Justiça)*, tradução, notas e textos adicionais de Edson Bini, 3ª edição, São Paulo, Edipro, 2019.



TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

The Myth of Er in Plato and the Doctrine of the Choice of Trials in Kardec

Abstract: Kardec recommended the continuous and in-depth study of the Spiritist Doctrine since, in his view, when properly understood and felt, Spiritism would help people to develop the qualities of a good man. In particular, the philosophical aspect of this study is of great importance, to the point that Kardec even considered Spiritism to be a philosophy itself. There is great proximity between the concepts of Classical Philosophy and those of the Spiritist Doctrine. In particular, in this article, I investigate how Plato's doctrine of the "Choice of Trials" has tangential points with some of the questions present in chapter VI of the second part of The Spirits' Book. I also analyze how Traditional Philosophy is present in Spiritist Doctrine, providing us with a reason to understand why Socrates and Plato were considered the precursors of Christianity and, consequently, of Spiritism. An important point that will be shown in the article is the embryonic idea in the first edition of The Spirits' Book about the Choice of Trials, which was later developed in the definitive edition.

Keywords: Myth of Er; choice of trails; prudence; philosophy; Plato.
